

AMEFRICANIDADE EM *CATACUMBAS DE SOL*, DE ÉLIE STEPHENSON

AMEFRICANITY IN *CATACUMBAS DE SOL*, BY ÉLIE STEPHENSON

Liliam Ramos da Silva (UFRGS)¹
Maikele de Farias Azevedo (UFRGS)²

Resumo: Este artigo examina a obra *Catacumbas de Sol* ([1979] 2022) do guianense Élie Stephenson, destacando como o poeta constrói e expressa a identidade cultural da Guiana Francesa bem como estabelece diálogos identitários interamericanos em sua poesia. Considerando o contexto sociopolítico e cultural do território, o estudo analisa como Stephenson utiliza elementos linguísticos, temáticos e simbólicos para retratar as experiências, as lutas e as aspirações do povo guianense. O artigo investiga como sua poesia aborda questões como a herança africana, a diversidade étnica, as violências da colonização e os desafios da independência, além da busca por uma identidade nacional cujos atravessamentos coloniais reportam a metrópole como modelo identitário. Por meio de uma análise crítica de poemas selecionados com base nos referenciais teóricos de Lélia Gonzalez (1988) sobre amefricanidade, de Stuart Hall (2003, 2006) sobre identidade e de Dennys Silva-Reis (2021) sobre identidade e literatura da/na Guiana Francesa, este estudo busca compreender o papel da poesia de Stephenson na celebração da identidade guianense.

Palavras-chave: Élie Stephenson; Guiana Francesa; identidade; amefricanidade.

Abstract: This article examines the work *Catacumbas de Sol* ([1979] 2022) by Guianese poet Élie Stephenson, highlighting how the poet constructs and expresses the cultural call identity of French Guiana, as well as establishing inter-American identity dialogues in his poetry. Considering the sociopolitical and cultural context of the territory, the study analyzes how Stephenson uses linguistic, thematic and symbolic elements to portray the experiences, struggles and aspirations of the Guianese people. The article investigates how his poetry addresses issues such as African heritage, ethnic diversity, the violence of colonization and the challenges of independence, in addition to the search for a national identity whose colonial crossings report the metropolis as an identity model. Through a critical analysis of selected poems based on the theoretical frameworks of Lélia Gonzalez (1988) on Amefricanity, Stuart Hall (2003, 2006) on identity and Dennys Silva-Reis (2021) on identity and literature of/in French Guiana, this study seeks to understand the role of Stephenson's poetry in the celebration of Guianese identity.

Keywords: Élie Stephenson; French Guiana; identity; amefricanity.

Introdução

Uma das figuras mais significativas da produção literária da Guiana Francesa no século XX é o poeta, prosista e dramaturgo Élie Stephenson. No entanto, ainda podem ser consideradas raras as referências ao escritor ou aos seus trabalhos no campo dos estudos das literaturas de expressão francesa publicados no Brasil. Essa condição pode, de fato, ser resultado direto, como infere

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS. E-mail: liliam.amos@ufrgs.br ORCID 000-0002-1963-5917.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestranda em Letras na UFRGS e na Université des Antilles. E-mail: maikeleaf@gmail.com ORCID 000-0002-0538-6374.

Ndagano (1998), da falta de editoras, que tem sido uma das causas de um virtual vazio cultural em relação à literatura da Guiana Francesa. Os conhecedores da obra de Stephenson o consideram uma voz importante na representação cultural da sociedade da Guiana Francesa e, no Brasil, o autor tem sido destacado em eventos e publicações relacionados às francofonias. Citamos aqui a Revista *Cadernos de Literatura em Tradução* (2022), da USP, que apresenta o Especial Literatura da Guiana Francesa, com artigos, entrevistas e traduções de autorias guianenses e os ciclos de conferências do CLEF - Colóquio de Literaturas e Estudos Francófonos organizado pela Universidade Federal do Acre, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pela Universidade Federal de Alagoas em parceria com a Université de Guyane em 2022 que, inclusive, gerou o dossiê “Élie Stephenson e seus escritos de Guianidade” publicado pela Revista de Estudos de Cultura (Revec) da Universidade Federal de Sergipe em 2023. O autor também tem sido convidado a participar de eventos em universidades brasileiras, como no já citado CLEF bem como no *Francofonias em Debate: perspectivas desde o Sul*, organizado pelo setor de francês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2024. A atual movimentação das universidades, bem como a tradução de *Catacumbas de Sol* (2022) ao português, são passos importantes na divulgação da obra e também da cultura e da literatura da produção do escritor no país.

Stephenson nasceu em 1944 em Caiena, capital da Guiana Francesa, em uma família de origem crioula e indígena. Desde cedo, demonstrou interesse pela leitura e pela escrita, influenciado por autores como Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e pelo seu conterrâneo Léon-Gontran Damas, expoentes do movimento da negritude e da descolonização. O autor também se interessou pela cultura e pela língua crioula, falada por grande parte da população guianense. Em 1972, se mudou para a França para estudar na Universidade de Paris VIII, onde realizou seus estudos universitários de economia, defendendo uma tese que analisa a evolução da economia guianense entre os anos de 1946 e 1972. Durante esse período, participou de movimentos estudantis e políticos que reivindicavam mais autonomia e reconhecimento para a Guiana Francesa. Começou a publicar seus primeiros textos em revistas literárias e culturais, como a *Présence Africaine*. Em 1978, retornou à Guiana Francesa e se tornou professor de literatura no Liceu Félix Éboué, em Caiena. Deu prosseguimento à sua produção literária, publicando livros de poesia, contos e romances que retratam a realidade social, histórica e cultural da Guiana Francesa. Entre suas obras mais conhecidas, citamos *Une flèche pour le pays à l'encan* (1975), *Catacumbas de soleil* (1979), *Comme des gouttes de sang* (1988) e *La nouvelle légende de D'Chimbo* (1996).

O autor é considerado um dos principais representantes da literatura guianense contemporânea, que busca refletir sobre a identidade e a diversidade cultural do território. Suas obras são marcadas por uma linguagem poética e criativa, que mescla o francês com o crioulo guianense e outras línguas locais. Ele também utiliza elementos da oralidade, da mitologia e da memória coletiva para construir narrativas que valorizam as raízes e as tradições do povo guianense. Recebeu diversos prêmios e reconhecimentos por sua obra literária, como o Prêmio Carbet do Caribe, em 1993, o Prêmio Casa de las Américas, em 2000 e o Prêmio Literário da Guiana Francesa, em 2004. Também foi condecorado com a Ordem Nacional do Mérito da França, em 2009.

Neste artigo, analisaremos o livro de poemas *Catacumbas de Sol*, publicado em 1979 e traduzido no Brasil em 2022 por Dennys Silva-Reis para a Lexikos Editora. Para que possamos identificar os atravessamentos identitários expressos na obra do poeta, nos apropriamos do conceito de amefricanidade, de Lélia Gonzalez, que criou, na década de 1980, uma categoria que aproximava, sob os aspectos da política e da cultura, as manifestações culturais negras dos países latino-americanos. Para comprovar nossas hipóteses de que Stephenson pode ser classificado como um autor amefricano, mesmo vivendo em um departamento d'além mar da França (*départements d'outre-mer - DOM*) buscamos as reflexões de Stuart Hall (2003; 2006) sobre a fragmentação identitária do indivíduo moderno, em especial, do indivíduo que sofreu - e ainda sofre - com a ferida colonial (MIGNOLO, 2007). As ponderações de Silva-Reis (2021), tradutor da obra analisada e pesquisador da identidade guianense expressa na literatura, também serviram de base

para nossa argumentação, com o intuito de responder à problemática: Como se apresenta a categoria político-cultural da amefricanidade em *Catacumbas de Sol* e quais são as suas implicações no contexto das literaturas de expressão francesa contemporâneas? Para tanto, contextualizamos brevemente a história da Guiana Francesa; logo, apresentamos as reflexões de Gonzalez, Hall e Silva-Reis para, então, refletir sobre tais ideias a partir da produção de Élie Stephenson.

1 A complexidade da identidade guianense: desafios e transformações culturais

Silva-Reis (2021), no artigo *Sobre a guianidade literária de expressão francesa – prelúdio temático*, aponta que a literatura da Guiana Francesa era mencionada como literatura antilhana ou caribenha e que estudiosos guianenses como Biringanine Ndagano, Monique Blérald-Ndagano e Catherine Le Pelletier têm se debruçado na diferenciação entre a literatura caribenha e a guianense a partir da dispersão da visão homogeneizante incutida pela metrópole que não se esforça em compreender as diferentes experiências sociais vividas pelos habitantes desses territórios. Ao citar os intelectuais Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant, afirma que

Os dois críticos literários chamam a atenção para o fato de que as Antilhas e a Guiana Francesa não apresentam o mesmo itinerário histórico, não têm as mesmas aspirações e as mesmas realidades geográficas e muito menos dispõem das mesmas maturidades de desenvolvimento econômico, demográfico, social, cultural, literário etc. (SILVA-REIS, 2021, p. 82)

O pesquisador defende que, dentre as diferenças gritantes entre as Antilhas e a Guiana Francesa, como a instituição de *les bagnes* (as prisões forçadas), o garimpo e a instalação de uma base espacial nesse país, há um fato geográfico relevante na constituição identitária dos guianenses: a pertença à floresta amazônica, que facilitou a *marronage* e a constituição de comunidades africanas que permaneceram, assim como as comunidades originárias, distantes dos centros urbanos.

A Guiana, território ultramarino francês, encarna um microcosmo onde se sobrepõem diversas identidades étnicas. Essa diversidade, há muito integrada no âmbito da criouldade, ou seja, a pertença a um segmento da sociedade conhecido como comunidade crioula, é agora fonte de preocupação para alguns atores políticos. Historicamente, a sociedade guianense moderna se construiu paralelamente à sociedade crioula guianense, ou seja, os descendentes de escravizados da Guiana que assimilaram a cultura francesa (HIDAIR, 2009). Após múltiplas ondas de imigração devido à exploração aurífera e a uma criouldização reivindicada da cultura francesa através da educação, carreira profissional e modo de vida (JOLIVET, 1982), os crioulos continuaram o processo de assimilação após a departamentalização em 1946, acessando cargos administrativos na Guiana. No entanto, as populações não-crioulas, como os ameríndios e os bushinengues, os descendentes de escravizados que fugiram das plantações, também chamados de negros-*marrons*, foram marginalizadas e excluídas do processo de assimilação, sendo percebidas como "primitivas" pelo grupo crioulo dominante (COLLOMB, 1999). A partir dos anos 70 e 80, o aumento da imigração e a emergência das reivindicações políticas das populações marginalizadas questionaram a superioridade do grupo crioulo na Guiana. Nesse contexto, tais populações reivindicaram o reconhecimento de seus direitos territoriais e de sua identidade distinta. Essa reivindicação evidenciou a necessidade de repensar a identidade guianense para além da dimensão exclusivamente crioula.

Diante dessa diversidade cultural e dos desafios que impõe, a classe política crioula lançou-se na busca de novos modelos para definir a sociedade guianense. A emergência da ideia de interculturalidade surge como uma alternativa à criouldade, enfatizando a coexistência e os intercâmbios entre os diferentes grupos étnicos. Segundo Jolivet (1982), a vontade de criar uma identidade nacional unificadora dos povos da Guiana transforma as relações sociais com os ameríndios e os bushinengues. A noção de "Guianidade" emerge então, enraizando-se no território

americano ao mesmo tempo que instaura novos referenciais históricos e culturais, reivindicando, em particular, ascendências ameríndias e africanas. A autora sublinha que apenas essa nova filiação é valorizada no projeto de guianização, em detrimento dos próprios grupos. Ela menciona os "movimentos pendulares" (1982, p. 77) da sociedade crioula, oscilando entre europeidade e africanidade, assimilação e negritude, como confirma Hidair (2009), acrescentando que esse grupo cultural assegura sua estabilidade graças a essa oscilação.

Esse modelo emergente visa, assim, construir uma nova "comunidade imaginada" guianense (ANDERSON, 2002), mas também levanta questões sobre as relações sociais históricas entre os grupos que a compõem e sobre a maneira de conciliar suas identidades distintas em um projeto nacional. De fato, a unificação cultural sob a única bandeira guianense não é tão simples. Segundo Franck Mathurin³, diretor dos programas da Kam'Radio - programa de rádio veiculado em Saint-Laurent du Maroni -, durante uma entrevista realizada durante as eleições presidenciais de 2022, a pertença à "Guianidade" não parece ser dominante. Ele observa que os indivíduos se consideram antes de tudo como haitianos, bushinengues ou ameríndios, e acrescenta que apenas os crioulos se apropriam da denominação de guianenses, percebida como uma marca de tensão identitária. Essa diversidade étnica permite apresentar-se como uma rádio que reflete a pluralidade de seus ouvintes, uma rádio "que se parece conosco", acrescenta ele, enquanto "as outras rádios não tratam muito do Oeste". É possível ponderar, portanto, que a intensidade, a brutalidade e o impacto da colonização, embora possam ser explorados e compreendidos no contexto teórico contemporâneo, permanecem como processos profundamente arraigados, desafiando uma metamorfose substancial. Esses processos impregnaram-se de tal maneira nas vivências corporais e psicológicas que suas marcas continuam a reverberar, transmitidas de geração em geração.

Entre os autores mais reconhecidos, Léon-Gontran Damas e René Maran são bem lembrados e respeitados por suas contribuições às literaturas de expressão francesa. De fato, Maran rompeu fronteiras literárias ao se tornar o primeiro autor negro a ganhar o cobiçado Prêmio Goncourt (em 1921), e Damas é quase universalmente reconhecido, no mínimo, como um dos membros fundadores do movimento da *Négritude*. Mais recentemente, as obras de Micheline Hermine, Serge Patient e Élie Stephenson, entre outros, têm sido estudadas no Brasil como importantes contribuições para a literatura de expressão francesa. Assim, podemos perceber que a expansão dos estudos francófonos no país (pelo menos por parte de pesquisadores/as que seguem o pensamento pós ou decolonial) para além da dita metrópole francesa é notável, e que essa união de diferentes vozes fortalece a literatura, a pesquisa e o corpo acadêmico latino-americano, contribuindo para um entendimento mais profundo e inclusivo das culturas e identidades. (SILVA-REIS; RIBEIRO, 2022)

Ndagano (2018) afirma que os escritos de Élie Stephenson da década de 1970 permanecem relevantes mesmo duas décadas depois. Destaca a ênfase do autor na solidariedade nas estruturas sociais tradicionais, na valorização das culturas e línguas locais e na proposta de uma visão alternativa de sociedade imposta pela França. Além disso, Stephenson denuncia o exílio sofrido pelo povo guianês, bem como várias questões sociais relacionadas, destacando noções de dominação. Como poeta, apresenta coleções notáveis como *Une flèche pour le pays à l'encan* (1975), *Catacombes de soleil* (1979), *Terres mêlées* (1984), *Comme des gouttes de sang* (1988), *La conscience du feu* (1996) e *Les Rituels du vent* (2013). Sua trajetória segue de forma contínua durante a década de 70, incorporando em sua obra poética críticas inflamadas ao colonialismo, evitando abordagens didáticas frequentemente presentes ao longo de suas obras teatrais, mantendo assim uma exortação

³ Guyaweb, P.O. (2022) *À Saint-Laurent du Maroni, des enjeux qui dépassent l'élection présidentielle*, Mediapart. Disponível em: <https://www.mediapart.fr/journal/politique/040422/saint-laurent-du-maroni-des-enjeux-qui-depassent-l-election-presidentielle> Acessado em 13.jun.2024

veemente, versos delicadamente melódicos que se fundem perfeitamente com acusações indignadas que se apresentam dentro da estratégia estética artística única de Stephenson.

Logo, a antologia *Catacumbas de Sol* é fundamental no projeto poético do poeta, simbolizando uma evolução significativa em sua abordagem literária. Desde sua primeira coletânea, *Une flèche pour le pays à l'encan*, Stephenson alinha-se ao movimento da Negritude, criticando incisivamente os impactos do capitalismo, colonialismo e imperialismo na Guiana Francesa. Esta obra inicial destaca-se pelo caráter militante e pelo foco no "problema guianense"⁴, propondo um programa de emancipação cultural e política. A antologia marca uma transformação notável no projeto poético de Stephenson, mantendo o tom crítico e revolucionário, mas aprofundando a exploração da memória e da identidade cultural. A obra vai além da romantização, abordando o real e o vivo, refletindo sobre a brutal realidade histórica e social de seu país natal. Utilizando a poesia como ferramenta de evocação da memória coletiva e pessoal, Stephenson intensifica a crítica ao colonialismo e ao assimilacionismo departamental, reforçando a necessidade de reconhecimento cultural e autonomia política.

O ano de 2022 constitui um marco para a literatura guianense e suas relações com o Brasil com a tradução do livro de poesias *Catacumbas de Sol*. Esse evento pode ser interpretado como a abertura de uma "porta" para a poesia da Guiana Francesa no cenário literário brasileiro. Antes dessa tradução, segundo Silva-Reis (2022), eram os romances guianenses as "únicas pistas desta literatura no Brasil", conforme destaca a seguir:

Djumá, cão sem sorte (1934) de René Maran – tradução de Aristides Avila, *O escravo do governador* (2005) de Serge Patient – tradução de Paulo Wislyng –, e *Saudade do futuro* – uma tetralogia brasileira em quatro atos (2019) de Joël Roy – tradução de Martha Cimiterra –, e *Pastel de Belém* (2018), Catherine Le Pelletier – tradução de Vera Pereira. (SILVA-REIS, 2022, p. 13)

A produção da obra de Stephenson não traduzida no Brasil isola cada vez mais a Guiana Francesa, tão distante geograficamente da metrópole e, ao mesmo tempo, tão longe de um de seus países fronteiriços pois são poucas as informações que chegam a nós, brasileiros/as, sobre a história e a cultura do país. Os legados coloniais continuam a reverberar nas vivências contemporâneas, exigindo uma reflexão profunda e ações de promoção para uma transformação significativa na sociedade guianense e no relacionamento com sua história colonial:

(...) antes de tudo, o problema guianense é um problema político. É uma questão da nossa relação com a França, potência colonial dominante. Pois, esta apropriação da Guiana pela França, que vem durando desde o século XVII, nos isola completamente do resto da América Latina. Mas, igualmente, do Caribe. Encontramo-nos como isolados no continente. (IELPO, 2022, p. 263)

Nesse sentido, em nossa reflexão, analisaremos a obra *Catacumbas de Sol* aplicando a categoria da amefricanidade na análise dos poemas, visto que, em nossa compreensão, o conceito pensado pela intelectual brasileira Lélia González pode ser uma forma de colocar a Guiana Francesa e o Brasil em diálogo através de um dos pontos comuns do aparecimento histórico dos dois países: o colonialismo e, por consequência, as manifestações culturais atravessadas pela prática colonialista.

2 Pensando a identidade guianense a partir do conceito de amefricanidade

O teórico jamaicano Stuart Hall, em suas publicações *Da diáspora - Identidades e Mediações Culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) reflete sobre o conceito de identidade,

⁴ Vista do "Problema guianense" da emancipação cultural e política na primeira coletânea poética de Élie Stephenson. Disponível em periodicos.ufs.br/revec/article/view/19449/6 Acesso em 23.jul.2024

problematizando que as identidades modernas passam por um processo de descentralização e se constituem de forma fragmentada. Ao propor três concepções de identidade - sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno, vai da ideia de um indivíduo totalmente centrado em si mesmo (concepção individualista de sujeito) passando pela interação desse sujeito com a sociedade, com os demais indivíduos que seriam os mediadores dos valores, sentidos e símbolos, ou seja, da cultura do mundo habitado pelo sujeito. Para Hall, o indivíduo pós-moderno estaria em uma “crise” na qual o sujeito não se percebe composto por uma única identidade, mas por várias, que podem apresentar-se contraditórias ou não resolvidas; os próprios processos de identificação passam a ser mais provisórios, variáveis e problemáticos:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 12)

Embora tenhamos destacado, ao longo do artigo, a representação da diversidade étnica da Guiana Francesa como uma característica da obra de Stephenson, que celebra a multiplicidade de origens e heranças que constituem a identidade guianense e reconhece a contribuição única de cada grupo étnico para a riqueza cultural do país, nos interessa, neste recorte, pensar nos diálogos da negritude propostos pelo autor. Como pensar a identidade em povos que foram despojados de sua cultura, sua língua, seus costumes, suas tradições, de maneira forçada, exploratória e humilhante, como foi o caso do maior tráfico de pessoas já registrado na história? Pessoas que trouxeram somente (mas não só) seus corpos na travessia? Importante lembrar que uma particularidade da diáspora africana nas Américas foi a proibição da lembrança antes mesmo da saída da África. De acordo com Queiroz (2012), por determinação do tráfico de escravizados, antes que os indivíduos embarcassem nos navios negreiros, deveriam passar por um ritual simbólico de esquecimento: no Benin, país do oeste da África, existia a árvore do esquecimento, onde homens e mulheres eram obrigados a dar nove e sete voltas, respectivamente (LOPES, 2004, p. 76). O objetivo do ritual era simbolizar o esquecimento de seu passado, apagando da memória sua ancestralidade e, por consequência, sua identidade. Dessa forma, os africanos atravessam o oceano com uma memória bloqueada de África; no entanto, tampouco os traficantes conseguem fazer com que se esqueçam de tudo por completo. Esses traços, vestígios e marcas nas Américas se entrelaçariam com os traços memoriais dos povos originários e dos europeus e comporiam, portanto, atravessamentos oriundos das violências do processo colonizatório.

Hall (2003) aborda o fato de que a descolonização do Terceiro Mundo (entendida no sentido proposto por Fanon - impacto dos direitos civis e as lutas negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra) é marcada culturalmente pela emergência das sensibilidades descolonizadas. As relações complexas entre as origens africanas e as dispersões irreversíveis da diáspora foram abordadas pela intelectual brasileira Lélia Gonzalez, em especial, em sua reflexão sobre *A categoria político-cultural de amefricanidade* (1988), texto no qual interpreta a realidade americana (defendendo o uso do termo para as sociedades do continente e criticando a apropriação estadunidense) a partir das relações étnico-raciais e destacando a presença africana em sua composição cultural e identitária. Buscamos um trecho do texto de Gonzalez onde ela aponta que o/a sujeito/a negro/a não corta totalmente os laços com a África visto que os vestígios memoriais da ancestralidade estão marcados na pele bem como em outros traços fenotípicos; no entanto, a comunidade negra americana, ao passar por vários atravessamentos culturais, se constitui como novos/as indivíduos/as:

Partindo de uma experiência histórica e cultural, é importante reconhecer que a experiência amefricana se diferenciou daquela dos africanos que permaneceram

em seu próprio continente. Ao adotarem a autodesignação afro/africano-americanos, nossos irmãos dos Estados Unidos também caracterizaram a *denegação* de toda essa rica experiência vivida no Novo Mundo e da consequente criação da América. Além disso, existe o fato concreto de os nossos irmãos da África não os considerarem como verdadeiros africanos. O esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pela exploração, pelo etnocídio, aponta para uma perda de identidade própria, logo reafirmada alhures (o que é compreensível em face das pressões raciais no próprio país). Só que não se pode deixar de levar em conta a heroica resistência e a criatividade na luta contra a escravização, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação. Justamente porque, enquanto descendentes de africanos, a *herança africana* sempre foi a grande fonte revificadora de nossas forças. (GONZALEZ, 1988, p. 78)

A assunção das amefricanidades, ou seja, das diferentes identidades da pessoa negra americana, proporciona a compreensão dos modos de ser e agir no mundo a partir de uma experiência comum e de uma ancestralidade em comum, mas que também apresenta diferenças fundamentais a partir de cada um dos processos colonizatórios. Nesse sentido, quais seriam as marcas identitárias mantidas a partir de uma ancestralidade que foi violentamente arrancada de seu lugar de origem, levada a uma região praticamente esquecida pelos colonizadores e que até hoje é um departamento da metrópole? Partindo da ideia de que a literatura é um lugar privilegiado de memória e, portanto, de constituição identitária, Zilá Bernd aponta que a literatura latino-americana do fim do século XX e começo do XXI “é o lugar privilegiado da memória coletiva, permitindo a decodificação das escolhas que as comunidades novas das Américas fizeram e fazem com relação às suas ancestralidades” (2011, p. 10).

Segundo Silva-Reis (2021), a identidade guianense é de difícil definição, pois “não consta em nenhum documento oficial porque não existe um Estado ou nação guianense” (2021, p. 85). Desta forma, os nascidos na Guiana Francesa recebem a nacionalidade francesa, porém sua experiência enquanto “franceses” é diferente da dos cidadãos do chamado hexágono. Ademais, retomamos a problematização do pesquisador de que a literatura do país era mencionada como antilhana ou caribenha de expressão francesa, em um conjunto que reunia as literaturas haitiana, martinicana e guadalupense, em uma tendência de homogeneização e, portanto, menosprezo das especificidades da produção literária do país. Nesse sentido, defende que a literatura guianense dialoga com as demais produções de expressão francesa, mas destaca características importantes como, por exemplo, referências ao território amazônico, nem sempre pensado em uma relação com a metrópole. Em reportagem ao Portal Geledés, a jornalista Bianca Santana conta que conheceu Raphaella Servious-Hamois em evento na cidade de Bogotá e esta, tendo nascido na Guiana Francesa, se apresenta como “afroamazônica” e, ao reforçar a afirmação de Silva-Reis de que, apesar de terem nacionalidade francesa, são tratados de forma distinta, aponta ainda algumas incongruências que ocorrem no país, onde são proibidos os censos e as estatísticas étnicas justamente para que não haja leis e direitos específicos voltados às comunidades a partir de suas reivindicações próprias, como a demarcação de terras quilombolas, por exemplo. (SANTANA, 2024, s/p)

Na busca de uma compreensão e por vezes de uma criação de identidade, a Guianidade (*Guyanité*) tem sido pensada a partir dos anos 90. Este conceito busca delinear a identidade étnica e nacional da Guiana, visando redefinir os limites do seu território político e linguístico; nesse sentido, Collomb (1999, p. 7) afirma que “priorizando a associação das três populações “nativas” - crioulos, ameríndios e quilombolas [*marron*] negros - e gradualmente aberta aos grupos de chegada mais recentes (por exemplo chineses, hmong, etc.), a Guianidade passaria a se formar sob o regime da coexistência de vários grupos étnicos no mesmo espaço político.” A partir desta abordagem, seria possível reconhecer e valorizar a diversidade étnica e cultural da Guiana, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e representativa da identidade guianense. Entretanto, a noção de

"Guianidade" deve ser problematizada neste artigo à luz das obras de Élie Stephenson e da discussão crítica de Dennys Silva-Reis. Stephenson, em suas obras, explora as tensões e complexidades da identidade guianense, destacando as experiências históricas específicas e as relações de poder que influenciam a construção identitária. Silva-Reis complementa essa visão ao argumentar que a noção de "Guianidade" pode, inadvertidamente, homogeneizar as diversas experiências étnicas, obscurecendo as particularidades e as desigualdades de poder existentes. Assim, é crucial aplicar uma análise crítica ao conceito de "Guianidade", reconhecendo as dinâmicas de exclusão e inclusão, bem como a necessidade de uma abordagem que promova a verdadeira igualdade e representatividade entre os diversos grupos étnicos da Guiana.

Portanto, a partir de tantos atravessamentos e considerando o reconhecimento da amefricanidade como uma categoria essencial para compreender os processos culturais da América Latina, apresentaremos uma reflexão de como se constitui a identidade guianense na produção poética de Élie Stephenson, em especial, em sua obra *Catacumbas de Sol*, e quais suas implicações no contexto das literaturas de expressão francesa contemporâneas.

3 Sobre *Catacumbas de sol*

A poesia de Stephenson, profundamente enraizada na experiência guianense, reflete não apenas as complexidades da identidade local, mas também lança luz sobre questões históricas, sociais e étnicas que moldam a sociedade do país. *Catacumbas de Sol* é uma de suas obras mais emblemáticas, na qual aborda temas de pertencimento, resistência cultural e transformação com ênfase na identidade guianense bem como explora a interseção entre as diferentes culturas e tradições que coexistem no país (através de palavras tanto em crioulo como *gragés* e *tava* quanto em espanhol *libertad* e *revolución*, imaginamos os possíveis interlocutores desse diálogo plurilinguístico) e as tensões e os desafios enfrentados por uma sociedade marcada pela colonização e pela diáspora. Além disso, Stephenson também se dedica a examinar questões sociais contemporâneas, como a desigualdade, a injustiça e a preservação do patrimônio cultural. Esses assuntos retornam e se ajustam em conjunto com novos escritos, assim, *Catacumbas de Sol* é um exemplo vívido da maneira como o autor reflete sobre a identidade guianense em sua poesia.

O título da obra já alerta para a proposta apresentada pelo poeta: o oxímoro *Catacumbas de Sol* convida a pessoa leitora a refletir sobre um espaço em que, de onde se espera isolamento, invisibilização e esquecimento (catacumba), origina-se uma luz (de sol) capaz de gerar vidas iluminadas. Nos poemas, Stephenson usa uma linguagem rica e evocativa, muitas vezes permeada por elementos linguísticos guianenses, como expressões crioulas e referências à cultura local. Essa escolha linguística não apenas enriquece a textura poética, mas também reforça o sentido de pertencimento cultural e identidade compartilhada entre os guianenses. O poeta busca as raízes culturais e históricas da Guiana Francesa, dividindo a obra em três partes: *Feux sur la savane* (Fogos sobre a savana), *Catacumbes de soleil* (Catacumbas de sol) e *Textes sauvages* (Textos selvagens). Anterior ao início da primeira parte, o/a leitor/a encontra um poema intitulado "A rota", dedicado à memória de Léon-Gontran Damas; na estrofe "E no transe e na indolência/onde se inverteram nossa memória, o patrimônio e o futuro, o poema apodítico/criou a hora e o lugar a raiz e a seiva/bem como esperado nos corpos/entre a virada dos séculos" (STEPHENSON, 2022, p. 15) a menção ao "poema apodítico" aponta a relevância da literatura como área fidedigna para se (re)contar a história.

Ao contrapor o estado de cegueira e a hostilidade que a alta cultura europeia demonstrava pela diferença étnica (HALL, 2003, p. 337), destaca também a beleza e a complexidade da diversidade guianense, não deixando de marcar no texto as influências africanas que fazem parte de sua ancestralidade. A obra mergulha nas profundezas da história e da sociedade guianenses, confrontando questões de opressão colonial, resistência cultural e esperança de renovação. Por exemplo, os poemas Caribe e Caiena se aproximam do poema *Diário de um retorno ao país natal*, de

Aimé Césaire, no que tange à apresentação de uma bela geografia da região sem deixar de tocar na pobreza e na miséria derivadas da opressão da colonização, como é possível visualizar nos seguintes versos: “CARIBE/Aquarelas de ilhas/colunatas de montanhas ruidosas/ao chamado de sua pele/sol vanguarda/rios/de açúcar de cana/de sangue.” (STEPHENSON, 2022, p. 40); “Caiena/um nome maquinal estendido entre meus lábios/cansados de abalos esfoliados/uma lembrança de gritos rodeados por uma mutilação/de membros anexos/onde se exhibe minha solidão descarnada.” (STEPHENSON, 2022, p. 44). Apensar do “cansaço” e da “solidão” expostos, a voz poética finaliza o poema com os versos “mas eu vivo em Caiena/e vou dela morrer.” (STEPHENSON, 2022, p. 45), demonstrando que o autor não teme enfrentar as feridas do passado, pelo contrário, elas devem ser expostas, mas, mesmo assim, deixa nítido seu amor pelo lugar onde nasceu e sobre o qual se debruça em estudos tanto econômicos quanto poéticos.

Na primeira parte, *Feux sur la savane*, composta por 17 poemas, o poeta evoca a paisagem da savana guianense, onde o fogo é um elemento simbólico de renovação e resistência. O fogo representa tanto a destruição colonial quanto a criação poética: “O estilo literário de Stephenson é contundente, direto e exaltado. Trata-se de uma escrita passional que pode ser abordada através das várias e poderosas imagens contidas na figura do fogo” (FAVRE, 2023, p. 29). Geralmente visto como destruidor, o fogo também é regenerador: o manejo com fogo aumenta a diversidade funcional e a fixação de carbono nas savanas devido às estratégias de regeneração depois das queimadas⁵. Destacamos, como exemplo, duas estrofes do poema Estações:

Estações

Sempre houve
chuvas demais... chuvas demais
chuvas demais
lágrimas e orações demais
adquirimos então
o hábito de andar
sempre de cabeça baixa
costas curvadas
espinhela caída

(...)

eu não gosto
que me falem de um trono
eu não gosto
que me sancionem
me decretem
me ensinem
me assimilem
me instruem
me destruam
não!
não!
Eu não gosto
que me mimem
me infantilizem
me comprem
me ameacem
que me importem
me exportem

⁵ Consultar: Agência Fapesp. Disponível em <https://agencia.fapesp.br/manejo-com-fogo-aumenta-diversidade-funcional-e-fixacao-de-carbono-nas-savanas/37775> Acesso em 24.fev.2024

me engordem e me esfomeiem
Eu não suporto
Que DISPONHAM de
MIM
de minha Terra
de meu povo
(STEPHENSON, 2022, p. 42-43)

O poema apresenta um grito de indignação, um protesto contra o que fizeram e seguem fazendo com a população negra: chuvas demais, lágrimas e orações demais proporcionadas pelas imposições que fazem o povo andar curvado e de cabeça baixa, característica da colonização, se contrapõe à última estrofe que “toca fogo” na opressão. A voz poética, em primeira pessoa, dá um basta na situação e nega a arbitrariedade da metrópole, permitindo que os guianenses possam renascer e se regenerar após séculos de exploração. Embora não haja nenhuma referência à palavra negro, África ou racismo, é notório que o vocabulário utilizado - como as expressões “eu não gosto/(...) que me comprem/(...) que me importem/me exportem” faz referência ao processo escravocrata e os gritos de não! dão um basta à situação de indivíduo subjugado pela colonização violenta do país, que ainda perdura com o domínio francês. Gonzalez aponta que

Quando se analisa a estratégia utilizada pelos países europeus em suas colônias, verifica-se que o racismo desempenhará um papel fundamental na internalização da “superioridade” do colonizador pelos colonizados. E ele apresenta, pelo menos, duas faces que só se diferenciam enquanto táticas que visam ao mesmo objetivo: exploração/opressão. (GONZALEZ, 1988, p. 72)

Na segunda parte, *Catacumbas de sol*, com 13 poemas, o poeta mergulha nas profundezas da história da Guiana Francesa, marcada pela escravidão, pela rebelião e pela deportação. O poeta se identifica com as “catacumbas de sol”, os escravizados que fugiam para as florestas e formavam comunidades autônomas chamadas de quilombos (as *communautés marronnes*). Destacamos aqui duas estrofes do poema que dá título à obra:

Catacumbas de sol

O obsedante amor
ensanguentado de um choro
facão de solstícios
Ah! juventude extraviada
nos quincunces
de verdades de cadáveres
(...)
Oh este obsedante amor
catacumbas de sol
a opressão legítima
tu ris e não me abraças
passas e não me afagas
Oh este obsedante amor
e por ele sou até a Vida
com toda alegria excomungada
(STEPHENSON, 2022, p. 51-52)

Neste poema, podemos construir um quadro imaginário dessas comunidades onde viviam uma “juventude extraviada” no meio das plantações, enquanto a “opressão legítima” repreende qualquer “obsedante amor”. É interessante destacar aqui que os pesquisadores estadunidenses

Klein e Vinson III, na obra *La esclavitud africana en América Latina y el Caribe* ([1986] 2008) afirmam categoricamente que, na Guiana Francesa, “*no se formaron nunca comunidades de negros cimarrones*” (2008, p. 128); no entanto, já no terceiro poema da primeira parte, sem título e dedicado à Yolande⁶, são apresentados os versos “Como nos lembrar dado que o tempo sempre está bom/Do sangue dos marrons abrindo a Noite/TONNEGRANDE/República de negros livres/punhal empurrado na goela dos senhores” (STEPHENSON, 2022, p. 23) e, em notas de rodapé para *marrons* e TONNEGRANDE, Silva-Reis (2022) explica que a primeira palavra faz referência aos negros fugitivos e, a segunda, ao distrito que era local de alta resistência dos *marrons*. Embora os estudos latino-americanos tenham muita força em universidades estadunidenses, é necessário que pesquisadores/as da região se debruçam com maior vigor nos dados históricos das colônias francófonas para evitar o erro – *no se formaron nunca* – incorrido pelos autores Klein e Vinson III citados anteriormente. Gonzalez, embora admiradora das estratégias da negritude dos Estados Unidos, afirma que “Continuamos passivos em face da postura político-ideológica da potência imperialisticamente dominante na região: os Estados Unidos”. (GONZALEZ, 1988, p. 75) Percebe-se, portanto, que ainda há muito a descobrir sobre a história dos indivíduos que constituíram o país e dos lugares de memória deixados por eles e, ainda, que as vozes guianenses possam ser ouvidas e acolhidas. O poeta também homenageia os deportados políticos que foram enviados para a Guiana Francesa pelo regime de Vichy durante a Segunda Guerra Mundial.

Na terceira parte, *Textes sauvages*, com 8 poemas, o poeta celebra a diversidade cultural e linguística da Guiana Francesa, composta por vários grupos étnicos. Além disso, traz referências às personalidades e imagens que percorrem a Guiana, a América do Sul e a Europa. Como exemplo, trazemos duas estrofes do poema Cuba:

Cuba

Cuba

Mas o que sei de ti
Senão
CHE GUEVARA
SIERRA MAESTRA
FIDEL
e REVOLUÇÃO

Cuba

Um dia em Caiena
Uma noite em Paris
Um dia em Belém
Uma noite em Fort-de-France
Dias... noites
Em Caiena
Bruxelas
Pointe-à-Pitre
Georgetown
apaixonado imprimo minha Esperança
com frenesia
te ver em breve... em breve
em breve
De outra forma que somente por cartas-postais
De outra forma que somente por imagens
Narrativas ou fotos
Cuba

⁶ Yolande é pseudônimo para Lyne-Marie Stanley, romancista guianense, ex-esposa do autor.

Te ver, te abraçar
Te beijar, te falar
(...)
(STEPHENSON, 2022, p. 84-85)

Nessas estrofes, Stephenson descreve uma jornada pessoal, compartilhada com o leitor, por diferentes lugares, incluindo Caiena, Paris, Belém e Fort-de-France, em um desejo de conhecer esses lugares “De outra forma que somente por cartas-postais/De outra forma que somente por imagens/Narrativas ou fotos”. Essa lista de locais transmite uma sensação de movimento e itinerância, sugerindo uma busca ou uma jornada que vai em direção a Cuba, um ideal de nação a ser alcançado devido aos resultados da Revolução ocorrida em 1959, 20 anos antes da publicação do livro de poemas, expresso nos versos “Mas encharco minha coragem/No teu sangue/CUBA/Grito VENCEREMOS”. Além disso, a repetição da palavra "apaixonado" e a expressão "imprimo minha Esperança com frenesia" nos sugere um forte desejo do autor em relação ao aprofundamento do conhecimento da cultura cubana. Dessa forma, a ideia de imprimir esperança com frenesia indica uma intensa emoção ou urgência para encontrar ou se conectar com Cuba. Esse diálogo com o povo cubano é uma expressão da amefricanidade de Stephenson, que, de acordo com Gonzalez (1988), identifica na diáspora uma experiência histórica comum com demais povos em situação de colonização.

Reflexões finais

Não seria possível fechar essa reflexão com o termo “conclusão”, pois entendemos que ainda há muito a aprofundar, uma vez que a literatura guianense, exemplificada pela obra *Catacumbas de Sol* de Élie Stephenson, revela um processo de resgate e reconhecimento de uma produção cultural há muito marginalizada. Esse fenômeno, felizmente, está começando a se desdobrar, com a recente tradução da obra e o crescente interesse de pesquisadores/as pelas literaturas e culturas de expressão francesa que permitam o diálogo transfronteiriço. As amefricanidades, portanto, são um ponto em comum entre as literaturas e culturas da Guiana Francesa e do Brasil, permitindo que autores e autoras possam dialogar a partir de sua origem e de suas *diferenças comuns*⁷.

Ao considerarmos o contexto colonial que por muito tempo relegou a literatura guianense a uma posição de invisibilização, compreendemos que sua emergência para uma maior visibilidade é parte de um movimento mais amplo em direção à descolonização do conhecimento. A abertura dessas "catacumbas" literárias não só enriquece o panorama cultural da Guiana Francesa e da França, mas também desafia os paradigmas estabelecidos pela dominação colonial, que historicamente centralizou a produção cultural na metrópole, marginalizando as vozes periféricas. Uma das conclusões a que podemos chegar a partir das análises apresentadas é a de que as marcas, os traços e os vestígios africanos compõem o imaginário das literaturas e culturas de expressão francesa e, realizar essa afirmação no ano de 2024, em que a extrema direita francesa quase ascende ao poder com uma campanha que apresentava o slogan “Vamos dar futuro às crianças brancas” em um cartaz que exibia um menino branco, loiro e de olhos azuis, parece cada vez mais imperativo. Gonzalez, em 1988, já questionava: “por que não abandonar as reproduções de um imperialismo que massacra não só os povos do continente mas de muitas outras partes do mundo e reafirmar a particularidade de nossa experiência na AMÉRICA como um todo, sem nunca perder a consciência da nossa dívida e dos profundos laços que temos com a África?” (p. 79)

Catacumbas de Sol representa um marco importante na trajetória da literatura guianense, oferecendo não apenas uma visão aguçada da identidade e diversidade da Guiana Francesa, mas

⁷ Termo utilizado pela intelectual dominicana Yuderkis Espinosa- Miñoso em sua obra *por que o feminismo descolonial é importante (e outros ensaios do lado escuro)*, publicada pela Editora Figura de Linguagem em 2021.

também estimulando uma reflexão mais profunda sobre os desafios e triunfos enfrentados por seu povo. Essa obra não só celebra a riqueza cultural da Guiana, mas também reivindica seu lugar no cenário literário global, inspirando um movimento mais amplo em direção à descolonização do conhecimento e à promoção da diversidade cultural e linguística. Trata-se de uma obra amefricana pois, conforme Gonzalez, amefricanos oriundos de diversos países têm identificado na diáspora uma experiência comum onde o sistema de dominação racial é o mesmo em todas as sociedades que se conformaram nos países latino-americanos. Ler, analisar, estar em contato com a obra de Stephenson nos torna mais próximos da Guiana Francesa, que passou - e ainda passa - por várias situações de expropriações e violências que, como leitores/as brasileiros/as, identificamos e aproximamos com as situações bastante semelhantes que vivenciamos em nosso país.

Nesse sentido, é imperativo que os departamentos de francês nas academias abracem uma abordagem decolonial, buscando não apenas autorias fora da metrópole, mas também promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva de como as francofonias estão constituídas. A diversidade de identidades e experiências dentro do mundo francófono é vasta e multifacetada, e é essencial que as instituições educacionais reconheçam e celebrem essa diversidade. Além disso, a tradução de obras guianenses para outras línguas, como o português, não só torna essas obras acessíveis a um público mais amplo, mas também contribui para a disseminação e valorização da literatura guianense em âmbito internacional. Essa prática não apenas fortalece os laços culturais entre os países de língua portuguesa e francesa, mas também amplia o diálogo intercultural e promove uma compreensão mais profunda e respeitosa das diversas realidades e experiências humanas.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *L'imaginaire national : réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*, Paris : La Découverte/Poche, 2002, 212 p.
- BERND, Zilá. *Vestígios memoriais: fecundando a literatura das Américas*. In: *Conexão Letras*. vol.6, n.6, 2011. p. 9-15.
- CÉSAIRE, Aimé. *Diário de um retorno ao país natal*. Tradução de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Edusp, 2012.
- COLLOMB, Gérard. *Entre ethnicité et national: a propos de la Guyane*. In: *Socio-anthropologie*. N. 6, 1999.
- FAVRE, Isabelle. *Élie Stephenson : palavras de fogo para um 'país' chamado Guiana*. In: *Revista de Estudos de Cultura*, v.9, n.22, p.27-40, 2023.
- FOUCK, Serge Mam Lam. *Histoire générale de la Guyane Française*. Matoury-Guyane: Ibis éditions, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine de la Guardia Resende et all. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIDAIR, Isabelle. L'espace urbain cayennais : un champ de construction identitaire », *L'Espace Politique*, n. 6, 2009.

IELPO, Rodrigo; STEPHENSON, Élie.; WEIGEL, François. "O teatro é primeiramente uma arma política": entrevista com Élie Stephenson. *Cadernos de Literatura em Tradução*, [S. l.], n. 25, p. 259-272, 2022.

JOLIVET, Marie-José. *La question créole : essai de sociologie sur la Guyane française*. Paris : Éditions de l'Office de la recherche scientifique et technique outre-mer. Collection Mémoires/Office de la recherche scientifique et technique outre-mer, 1982, 503 p.

KLEIN, Herbert S.; VINSON III, Ben. *La esclavitud africana en América Latina y en el Caribe*. Tradução de Graciela Sylvestre Sánchez Albornoz. Lima: IEP, 2008.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Traducción de Silvia Jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Editorial Gedisa, 2009.

NDAGANO, Biringanine. *L'œuvre théâtrale inédite d'Élie Stephenson (1974 - 1990) présentée par Biringanine Ndagano*. Paris: Éditions Karthala, 2018.

NDAGANO, Jean-Marie. *Catalogue des écrivains de la Guyane française*. Matoury, Guyane: Ibis Rouge Editions, 1998.

QUEIROZ, Amarino. Sob a árvore das palavras: oralidade, escrita e memória nas literaturas de língua portuguesa. In: *Intersemiose*. Jun-Dez 2012, p.30-37.

SANTANA, Bianca. Guiana Francesa, a última colônia das Américas. In: *Portal Geledés*. 07.ago.2024. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/guiana-francesa-a-ultima-colonia-das-americas>> acesso em 26.ago.2024

SILVA-REIS, Dennys; RIBEIRO, Rosaria Costa. Literatura da Guiana Francesa: Introdução ao regaço lítero-franco-amazônico. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, n.25, p.8-15, 2022.

SILVA-REIS, Dennys. Sobre a Guianidade literária de expressão francesa – prelúdio temático. In: *Revista Communitas*. v. 5, n. 10, Abril-Junho/2021. p. 79-92.

STEPHENSON, Élie. *Catacumbas de sol*. Tradução de Dennys Silva-Reis. São Paulo: Lexikos, 2022.

STEPHENSON, Élie. *Une flèche pour le pays à l'encan*. Paris: Pierre-Jean Oswald. Collection « J'exige la parole », 1975.

Submetido em 03/03/2024

Aceito em 02/05/2024